

Dora Kramer*

Falta uma agenda de Brasil nos discursos eleitorais

Um dos temas que dominam as cogitações iniciais do ano eleitoral é justamente qual será o tema dominante na campanha. As pesquisas apontam a segurança pública, mas dois ministros que falararam recentemente sobre isso não incluem o assunto nos destaques.

Fernando Haddad (PT) disse ao UOL que a economia não definirá vencedor nem perdedor, ao contrário de eleições anteriores. Talvez tenha pretendido afastar sua gestão na Fazenda do escrutínio público.

Guilherme Boulos (PSOL), em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, também deixou de fora a segurança. Para ele, três questões vão prevalecer: soberania nacional, isenção do Imposto de Renda para os mais pobres e fim da escala 6x1 na jornada de trabalho.

Chama atenção o fato de ambos excluírem do debate o combate à criminalidade, a despeito do indicativo de que este seja o anseio maior da população premida pela insegurança no dia a dia. Parece se tratar de uma capitulação dos governistas ante a ausência de boa resposta à principal demanda do eleitorado. A batalha do projeto con-

tra facções foi perdida para a oposição e a PEC da Segurança ainda está em disputa.

Restaria ao Planalto apostar em pautas populistas, mas de efeito incerto. A escala 6x1 alcança trabalhadores formais. Pode ser muita gente, mas não inclui o universo dos informais e tampouco atende à maioria interessada em outro tipo de abordagem, algo ligado à elevação da capacidade produtiva do país.

A isenção do IR é um bom ativo eleitoral, mas não chega a refletir a justiça tributária alegada pelo governo. Ademais, não é certo que tenha o poder de fazer os beneficiados se sentirem compelidos a agradecer nas urnas.

A defesa da soberania nacional pegou bem quando do tarifaço, mas salvo improváveis novos ataques de Donald Trump, deu o que tinha de dar. Proporcionou melhorias a Lula, mas não o suficiente que a aprovação ultrapassasse a desaprovação.

Se falta clareza ao governo quanto ao que oferecer ao país, a oposição padece do mesmo mal. Pobre Brasil.

*Jornalista e comentarista de política

Arnaldo Niskier*

Diálogos que atravessam os séculos

Sou membro da Academia Brasileira de Letras há 41 anos. Quando me perguntam para que servem as Academias de Letras, o primeiro pensamento que me ocorre é relativo aos objetivos de sua existência. A marca notável das Academias está sintetizada na palavra convívio, o que implica a renúncia a personalismos ou ao exercício de atitudes de arrogância ou prepotência. Um bom convívio tem como alicerce o diálogo.

Como educador, pedagogo, filósofo, jornalista, apresentador e sobretudo como Acadêmico, tive o privilégio de conviver e dialogar com os maiores expoentes da vida cultural brasileira. Pensando em todos com quem convivi dentro e fora da ABL – Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, José Saramago, Clarice Lispector, Carlos Drummond, Nelson Rodrigues, Di Cavalcanti, só para citar alguns –, e todos que me antecederam e com quem não pude dialogar, surgiu-me uma ideia. E se fosse possível uma troca de experiências, ou, melhor dizendo, um diálogo com aquele que é considerado o maior dos imortais e

grande cronista de seu tempo, Machado de Assis?

Meu mais novo livro, intitulado Arnaldo Niskier e Machado de Assis – Diálogos, colige cinquenta e cinco textos que escrevi entre 1984 e 2024, selecionados a partir de excertos de Machado. Para cada texto meu, uma citação machadiana que serve de mote e norte de leitura. O caráter universal da obra de Machado de Assis nos permite recontextualizar seus escritos e situá-los na realidade contemporânea do século XXI, sem com isso lhes desvirtuar o sentido e a pertinência.

Os diálogos engendrados neste novo livro convidam o leitor a refletir sobre questões essencialmente humanas, sobre questões comuns da vida em sociedade e sobre os desafios do mundo de ontem e de hoje.

É esta, em suma, a proposta: oferecer possibilidades diversas de leituras e releituras à luz dos nossos dias e dos tempos que virão.

*Escritor. Membro da Academia Brasileira de Letras

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BANQUEIROS EUROPEUS OFERECEM EMPRÉSTIMOS A ARGENTINA

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de janeiro de 1931 foram: Igrejas do Rio ficam lotadas de fiéis pelo dia de São Sebastião. Notificado caso de Febre Amarela em Cambuci. Banqueiros euro-

peus oferecem um grande empréstimo a Argentina. Incidente germano-polaco será discutido no Conselho da Liga das Nações. Japão cumpre o Tratado Naval de Londres e dispensa 9 mil operários dos estaleiros.

HÁ 75 ANOS: PAÍSES COMEÇAM A CONFIRMAR PRESENÇA PARA A POSSE DE VARGAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 21 de janeiro de 1951 foram: Igrejas do Rio ficam lotadas de fiéis pelo dia de São Sebastião. China não aceita o cessar-fogo na Coreia e pode sofrer sanções

da ONU. Ex-primeiro-ministro do Japão, Hitoshi Ashida pede que o país volte a ter Forças Armadas. Países começam a confirmar presença para a posse de Getúlio Vargas.

EDITORIAL

Descanso para uns, prejuízo para outros

Feriados são pausas necessárias. Representam tempo de descanso, convivência familiar e, para muitos, a chance de viajar e lazer. Mas, quando se observa o calendário de 2026 sob a ótica econômica, especialmente do comércio varejista, o descanso de uns se transforma em prejuízo concreto para outros. Em cidades com forte vocação comercial, como Campinas, a concentração de feriados nacionais e emendas com fins de semana acende um sinal de alerta que não pode ser ignorado.

Estimativas do Sindivarejista Campinas, baseadas em estudos da FecomercioSP, indicam que o varejo campineiro pode deixar de faturar até R\$ 500 milhões em 2026 em função dos feriados prolongados. O número, por si só, já impressiona. Mas o impacto vai além da cifra e se espalha por toda a cadeia produtiva, afeta empregos e fragiliza negócios que já operam em um ambiente de juros altos.

Diferente de municípios turísticos, que conseguem compensar parte das perdas com o aumento do fluxo de visitantes, Campinas sente o efeito inverso. Quando o feriado chega, parte significativa da população viaja, esvazia a cidade e reduz drasticamente o consumo cotidiano. O comércio, que depende do movimento constante de pessoas, vê as portas abertas para menos clientes, enquanto custos fixos seguem correndo.

O excesso de interrupções na atividade econômica cria descontinuidade no fluxo de vendas, dificulta o planejamento e aumenta o risco de estoques encalhados. Para o pequeno e médio empresário, que não dispõe de grandes reservas financeiras, cada feriado prolongado pode representar um desequilíbrio difícil de absorver. O resultado é um cenário de insegurança. Isso não significa defender o fim dos feriados ou ignorar sua importância social. O debate é mais complexo e exige equilíbrio.

Planejamento público, diálogo com o setor produtivo e políticas que considerem as especificidades econômicas de cada cidade são fundamentais. Não faz sentido tratar de forma homogênea realidades tão distintas quanto polos turísticos e centros comerciais regionais. Diante desse quadro, o varejo precisa reagir com estratégia. Antecipar campanhas, ajustar estoques, rever escalas de trabalho e fortalecer os canais digitais são medidas cada vez menos opcionais e mais necessárias. O comércio que sobreviverá a 2026 será aquele capaz de se adaptar, inovar e dialogar melhor com um consumidor que muda seus hábitos conforme o calendário.

O descanso é legítimo, mas o custo econômico também é real. Ignorá-lo é correr o risco de transformar feriados em um problema estrutural para o comércio.

Opinião do leitor

Propaganda eleitoral antecipada

Em consonância com a Jurisprudência do TSE, a propaganda eleitoral só pode ser realizada a partir do dia 5 de julho. Gostaria de saber da Ministra Carmem Lúcia, atual presidente da Instituição, como será resolvido esse crime eleitoral praticado pela Escola de Samba Acadêmicos de Niterói, que pretende fazer um desfile em homenagem ao Presidente Lula?

*Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-200

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.